



Foro de Educación

ISSN: 1698-7799

jlhuerta@mac.com

FahrenHouse

España

Aparecida de Souza, Emiliana; Salvino Gomes, Eliseudo
Educação, um processo de humanização na visão frankliana
Foro de Educación, vol. 11, núm. 15, enero-diciembre, 2013, pp. 215-228
FahrenHouse
Cabrerizos, España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=447544540011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Educação, um processo de humanização na visão frankliana

Education, a process of humanization in the frankliana vision

Emiliana Aparecida de Souza

e-mail: fagundes@yahoo.com.br

Pontificia Universidade Católica do Paraná (Brasil)

Eliseudo Salvino Gomes

e-mail: salvinno@uol.com.br

Pontificia Universidade Católica do Paraná (Brasil)

RESUMO: A educação tem um papel fundamental no desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, não só como transmissora de conhecimentos como meio para alcançar um fim, mas como formadora de um ser humano que responda aos seus anseios de profundidade com sentido. Este estudo objetiva investigar a noção de educação, não só como ensinamentos, mas também como promotora do desenvolvimento humano na Análise Existencial de Viktor Frankl, na visão de homem que ele transmite e buscar compreender a relevância da Análise Existencial para a educação. Fundamenta-se esse trabalho, em uma revisão bibliográfica de publicações e textos científicos. A Análise Existencial de Frankl e sua visão de homem, que compreende o ser humano como uma unidade antropológica, embora se considerem as diferentes dimensões de tipo ontológico, estão em oferecer uma contribuição intelectual que pode melhor promover relações interpessoais, reumanização da educação e da ciência em geral.

Palavras chave: educação; análise existencial; ensinamentos; humanização.

ABSTRACT: The education has a basic paper in the development of the individuals and the societies, as not only transmissora of knowledge as half to reach an end, but as formadora of one human being that it answers to its yearnings of depth with direction. This study objective to investigate the notion of education, as teachings, but as not only also promotional of the human development in the Existential Analysis of Viktor Frankl, in the vision of man who it transmits and to search to understand the relevance of the Existential Analysis for the education. This work is based, a bibliographical publication revision and basic scientific texts. The Analysis Existencial de Frankl and its vision of man, who understands the human being as a antropológica unit, even so consider the different dimensions of ontológico type, are in offering an intellectual contribution that can better promote relations interpersonal, reumanização of the education and science in general.

Key words: education; existential analysis; teachings; humanization.

Recibido / Received: 09/01/2013

Aceptado / Accepted: 15/01/2013

doi: <http://dx.doi.org/10.14516/fde.2013.011.015.010>

Falar no papel da educação na humanização é falar no papel fundamental da educação no desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, não só como transmissora de conhecimentos como meio para alcançar um fim, mas como formadora de um ser humano que responda aos seus anseios de profundidade com sentido.

Relendo o artigo de Paulo Freire (1969, 24), pensando no forte sentido que ele atribui ao modo como estamos no mundo e com o mundo, pensar esta condição é uma exigência que o autor nos apresenta, para trabalharmos em educação, orientados na perspectiva do humanismo. Se a educação é um «que fazer» humano, qualquer consideração acerca dela nos demanda uma análise sobre o homem no modo como ele se situa no mundo. Toda teoria pedagógica, para Freire, carrega uma concepção de homem e de mundo, e essa relação deve ser pensada de dois modos: trata-se do homem como ser no mundo e com o mundo.

Esta ação explicita um modo de estar na vida, neste movimento de sempre aprender, transitando com leveza, ora ocupando o lugar de mestre, ora o lugar de aprendiz. Este movimento nos permite conceber as possibilidades de realização de trocas de turnos de aprendizagem sustentadas no aspecto intensivo do acontecimento, este que se configura enquanto vida, no fato mesmo de estar vivo, isto é educação.

É a partir dessa perspectiva, realista, que considera a condição material do existir, este fato do ser humano nascer enquanto ser incompleto e viver sempre na incompletude, que este trabalho se desenvolve. Este estudo é fruto da observação reflexiva a respeito da realidade objetiva da educação. O desenvolvimento dele foi fundamentado em uma análise interpretativa de cunho filosófico, do material bibliográfico pesquisado, uma revisão bibliográfica de publicações e textos científicos.

Vivemos na era de sensação de falta de sentido, nesta nossa época, a promoção de conhecimentos, sobretudo a promoção de maneiras de agir, de procedimentos morais, de comportamentos éticos e valores deve ser a finalidade da educação. Além de aguçar a consciência, para que a pessoa receba uma percepção suficientemente apurada, que capte a exigência inerente a cada situação individual, «numa época em que as tradições e os valores universais que elas encerram se vão esboroando, educar significa, portanto, no fundo e em última instância – e até diria, mais do que nunca – formar a consciência pessoal» (Frankl, 1989, 30).

A consciência é nosso órgão de sentido, quando o ser humano tem uma consciência atenta e bem formada, ele torna capaz de compreender sua realidade, o apelo ao sentido que cada situação propõe, é graças a ela que se torna capaz de ouvir as questões que o dia a dia formula, e é graças a ela que ele pode transformar

seu contexto como a si mesmo, assim, é possível comprometer-se. «A consciência é temporalizada. O homem é consciente, à medida que conhece, tende a se comprometer com a realidade» (Freire, 1979, 39).

Souza e Salvino, em seu artigo de 2012, nos convidam a pensar nas possibilidades que a vida oferece, considerando os ensinamentos de Frankl:

Entre o emaranhado de possibilidades que a vida oferece, é preciso escolher e buscar se tornar o humano que se deseja. A principal preocupação do homem é estabelecer e perseguir um objetivo, e é esta busca que é capaz de dar sentido à sua vida, fazendo para ele valer a pena viver, e não a satisfação de seus instintos e o alívio de tensões como sustenta a psicanálise ortodoxa. Não se trata, portanto, de um sentido para a vida em termos gerais, mas um sentido pessoal para a vida de cada indivíduo, que este escolhe, quando encontrado.

A questão do sentido da vida, abordado na Análise Existencial de Viktor Emil Frankl tem uma abrangência muito grande, envolve o aprimoramento não só da pessoa como também da sociedade, e por ser o mais intrínseco dos problemas humanos. O homem contemporâneo corre o risco de desconhecer sua imagem essencial e se encontra ante uma multiplicidade de opções que podem configurar sua vida, «o homem de hoje conhece a sociedade o fato de possuir instintos, o que temos de mostrar-lhe é que ele possui também espírito – espírito, liberdade e responsabilidade» (Frankl, 1991, 116).

A Análise Existencial na educação possibilita o homem ter uma visão de si mesmo e da vida. Frankl (2010, 88) relata «que de uma forma ou de outra, mais do que nunca a educação é educação para a responsabilidade». Vivemos numa sociedade de superabundância, se o ser humano quiser subsistir ante, esse fato, ele precisa saber o que é e o que não é importante, o que é e o que não é essencial, em uma palavra: o que tem sentido e o que não tem. «A Educação do futuro deverá ser ensino primeiro universal centrado na condição humana» (Morin, 2000, 47).

Na verdade, todos os seres humanos se encontram mergulhados na realidade objetiva da educação, encharcados de suas relações por assim dizer. Sabe-se que a pessoa humana é constituída pela materialidade da relação interpessoal, relação com o outro, por ser essa relação integrante de sua própria realidade. Seguindo a Mounier, (Salvino, 2009) aponta que o ser humano reflete a imagem que se forma a partir de uma complexa rede de relações: relação consigo mesmo, com o cosmo, com os outros e com Deus.

A Análise Existencial de Frankl e sua visão de homem, que compreende o ser humano como uma unidade antropológica, embora se considerem as diferentes dimensões de tipo ontológico, estão em oferecer uma antropologia de caráter fundante, ou seja, uma contribuição intelectual que pode melhor promover

relações interpessoais, reumanização da educação e da ciência em geral e que pode também fundamentar trabalhos e projetos nas diversas áreas do saber e da formação humana. Trata-se de uma linha humanista-existencial, com um grande campo de investigação já em desenvolvimento, em diversos países, e que pode contribuir, especialmente no Brasil, com novas perspectivas de mudança social e individual, novos métodos de avaliação e intervenção, novas hipóteses e diretivas para a educação, saúde e a ciência em geral.

Este trabalho objetiva investigar a noção de educação, não só como ensinamentos, mas também como promotora do desenvolvimento humano na Análise Existencial de Viktor Frankl, analisar os aspectos filosóficos e pedagógicos da Análise Existencial de Frankl, a visão de homem que ele transmite e buscar compreender a relevância da Análise Existencial para a educação.

Viktor Emil Frankl, foi um psiquiatra e neurologista, ficou mundialmente conhecido pela sua extensa obra em psicologia, pela qual é considerado como sendo o fundador da chamada «Terceira Escola de Psicoterapia de Viena», a Logoterapia. Doutor em Medicina e Filosofia. O pensamento de Frankl era que a motivação básica do comportamento do indivíduo é uma busca pelo sentido para sua vida, e que a finalidade da educação deve ser ajudá-lo a encontrar.

Não há definição universal e atemporal de Educação, mas de modo geral, pode dizer que é constituída de medidas e processos que ajudam o ser humano a alcançar sua maturidade, seu desenvolvimento pleno, o que significa concretizar e realizar seus potenciais e possibilidades, atualizar suas forças e assumir sua humanidade de maneira integral e com sentido.

«A vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias», (Frankl, 2011, 10) o educando e o educador sabem disso, pois vivem diversas situações, transformando-as em experiências e saberes, pelos quais dão sentido às suas vidas e formam suas identidades. A essência da educação consiste primeiramente em formar um homem, em preparar e construir um cidadão para a comunidade, para vida, é uma educação voltada para pessoa. Regis Morais, em seu livro: O que é ensinar, assevera que:

As ciências humanas, que já nasceram imitando o mecanicismo e o positivismo das demais ciências, já não tem qualquer boa vontade para com temas espirituais; e, em seu âmbito, as ciências da educação têm-se mostrado também claramente científicas, ao passo que a filosofia da educação – que deverá ser muito legitimamente «amor à sabedoria» – tem-se entregado ao cultivo ora de uma erudição, que é fim em si mesma, ora de um tecnicismo subserviente às elegâncias estatísticas do meio ambiente. (Morais, 1986, 48-49).

Na escola o educando precisa perceber o elo entre o que aprende e o que vive a unidade entre teoria e prática, caso contrário, perde o interesse pelo ensino. Nos momentos mais críticos, mesmo não podendo escolher as situações

em que vive, o educando pode escolher como enfrentá-las, para desenvolver sua liberdade e responsabilidade e crescer como sujeito e cidadão, desenvolvendo assim uma educação integral. Daniele Bruzzone (2001) através de uma pesquisa realizada na Itália, afirma que na Educação é fundamental transmitir aos alunos valores transcendentais e de responsabilidades.

Falar de educação não significa focar na escola, o conhecimento está em todo lugar, não é monopólio da escola, vivemos numa sociedade pedagógica, educativa. Por certo, a família e a escola são as duas instâncias tradicionais e fundamentais, mas «a sociedade em seu conjunto está integrada no processo educativo. Cada um, conforme o momento pode encontrar-se na situação de aluno ou educador» (Pourtois; Desmet, 1999, 35). O modelo pedagógico deve refletir na prática, estabelecendo diálogo com novos espaços educativos.

Para que ocorra uma Educação integral, a esse ser humano que busca um sentido potencial à espera de seu cumprimento, é necessário um modelo de necessidades psicopedagógicas tendo em conta elementos necessários à construção da identidade e do indivíduo; necessidades afetivas, cognitivas, sociais, ideológicas, um método educativo integrado. O método educativo será um todo integrado quando os fatores intervenientes no mesmo atuarem ordenadamente, quando cada fator contribuir adequada e eficazmente para a obtenção da finalidade da educação. Giles (1984, 15-16) diz:

Todo método, seja na filosofia ou em qualquer outro campo, tem por finalidade formular e tentar afirmações, previsões e explicações, e no caso específico da filosofia, descobrir meios de chegar a uma reflexão mais precisa e eficaz sobre o eu, o outro e o mundo da natureza.

Essa proposição vem também do posicionamento crítico sobre teorias e práticas que relacionam a educação aos processos sociais mais amplos, «uma das formas mais eficazes de construir uma nova identidade é o desenvolvimento de uma atitude crítico-reflexiva, de modo a associar o próprio fazer e o processo de pensar» (Libânio, 2000, 19). Assim, o recorrido, nada mais é que a posição de um sujeito histórico acerca do seu mundo lido, interpretado e ressignificado, conforme relata Paulo Freire no seu livro: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2002), buscando uma educação libertadora, responsável.

A responsabilidade está associada à educação como prática da liberdade, a qual promove a possibilidade de escolha que impulsiona a decisão e ação. Frankl afirma que a educação é uma educação para responsabilidade «de uma forma ou de outra, mais do que nunca a educação é uma educação para a responsabilidade» (Frankl, 2010, 88). A educação com sentido é a educação para a responsabilidade, ser responsável significa ser seletivo, ter capacidade de escolha «Uma

pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade» (Freire, 2002, 121).

Elisabeth Lukas em seu livro: *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*, nos relata que com Frankl se encerrou uma nova era na psicoterapia e psiquiatria com a Logoterapia e na Educação com a Análise Existencial:

Com ele encerrou-se uma era que; no que diz respeito à psicoterapia e à psiquiatria, teve muito a ver com genialidade, conhecimento do homem intuição e sabedoria, e pouco com processos técnicos, artificialismo e eficiência de controle estatístico (2005, 145).

Educação com sentido é também processo ligado ao desenvolvimento humano como um todo, a sensibilidade para perceber o sentido inerente a cada situação depende do estágio de desenvolvimento em que se encontra o educador ou o educando, ampliando-se ao longo do processo de amadurecimento, «o modelo antropológico da Análise Existencial de Viktor Frankl constitui arcabouço teórico e prático para fundamentar uma educação com sentido» (Reinhold, 2004, 28).

Como já foi dito antes, a educação não deve limitar a transmitir os saberes, deve antes, aperfeiçoar a consciência, garantindo assim, que os conhecimentos de sala de aula tenham sentido na vida do aluno. «Vivemos em uma era da sensação de falta de sentido. Nesta nossa época, a educação deve procurar não só transmitir conhecimento, mas também aguçar a consciência» (Frankl, 2010, 87).

A consciência é própria do homem enquanto ser que decide, sendo um fenômeno primário desse ser livre, liberdade esta que pressupõe escolha, pressupõe também a compreensão do que é mais carente de sentido. Para garantir esta compreensão o organismo necessita desse órgão especial: a consciência, um órgão capaz de intuir para descobrir o sentido único e irrepetível que se encontra em cada situação, um fenômeno especificamente humano.

E por ser extremamente humana, a consciência está sujeita ao seu cunho característico, à sua finitude, e pode levar o homem a enganar-se. Mas tal engano «não dispensa o homem do risco de obedecer à sua consciência, começando por escutar, antes de tudo, a sua voz» (Frankl, 2003, 77). A consciência é o órgão, o cenário onde me dou conta da vida, onde experimento a vida, onde tomo consciência da responsabilidade para descobrir a própria capacidade de responder a vida com sentido. Através da consciência a pessoa humana realiza a auto-transcendência, colocando em prática atitudes fundamentais para o seu desenvolvimento.

A Análise Existencial considera o homem como um ser livre, capaz de se autodeterminar em qualquer situação. Essa liberdade declarada por Frankl ao homem pressupõe uma «liberdade para» no intuito de efetivar seu posicionamento no mundo, manifestando, então, a «irrepetibilidade» o «caráter de algo

único» constituinte de cada homem de «entregar-se a uma obra a que se dedica, a um homem a quem ama, ou a Deus a quem serve» (Frankl, 2003, 45).

No livro: *A Vontade de Sentido; fundamentos e aplicações da logoterapia* (Frankl, 2011a, 14), Frankl explica que cunhou o termo *Existenzanalyse*, como um nome alternativo ao vocábulo logoterapia, posteriormente quando autores norte-americanos começaram a publicar trabalhos no âmbito da logoterapia, eles introduziram o termo «análise existencial», *Existential analysis*, como tradução de *Existenzanalyse*. Infelizmente, outros autores fizeram o mesmo com a palavra *Daseinanalyse*, termo usado por Ludwig Binswanger (1881-1996), o grande psiquiatra suíço, para designar o conjunto de seus ensinamentos. Desde então, a expressão, «análise existencial» tornou-se bastante ambígua. Logo, para evitar o fomento de mais confusão conceitual, Frankl decidiu abster-se do termo «análise existencial» nas publicações de língua inglesa. Referindo-se a «logoterapia» até mesmo num contexto em que nenhuma terapia, no sentido estrito da palavra está envolvida.

Logo, Análise Existencial e Logoterapia são os dois termos usados para designar a teoria de Viktor Emil Frankl. Logoterapia para a prática clínica, e Análise Existencial para Educação e a ciência em geral. A Análise Existencial está fundamentada no respeito ao ser humano e na sua reumanização, Eugenio Fizzotti em seu livro: *De Freud a Frankl: interrogantes sobre el vacío existencial* (1977), diz que a Análise Existencial amplia a visão do ser humano como um ser único, irrepetível, responsável e capaz de posicionar-se diante dos condicionamentos da vida, justamente porque possui uma dimensão espiritual que comporta as outras dimensões (psicológica, social e física).

Na Análise Existencial há o pressuposto intransigente de que, não importa qual seja a situação concreta do indivíduo, sempre haverá uma resposta certa, sempre se poderá, incondicionalmente, viver com sentido, diante das perguntas da vida: «E no fundo estamos convencidos de que não há situação que não encerre uma possibilidade de sentido. Em grande parte esta nossa convicção é tematizada e sistematizada pela Logoterapia» (Frankl, 1981, 115), e Análise Existencial. Não podemos, portanto, perguntar pelo sentido, já que este reside na resposta que nós temos que dar.

A abordagem ontológica do ser humano aprofundada por Frankl na Análise Existencial tem por fundamento compreender o homem em sua totalidade. Frankl parte da aceção básica de que o ser humano é bio-psico-sócio-espiritual, necessitado de liberdade e constituído pela capacidade de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece não ter qualquer significado. Frankl descreve o ser humano como uma unidade múltipla. A pessoa é um ser «único e total» (Xausa, 2011, 116) e nela estão integradas as dimensões psíquica (anímica), corporal (biológica) e noética ou espiritual.

A ontologia tem como tarefa aproximar-se da realidade em si, ultrapassando os limites e descobrindo as estruturas fundamentais, tendo como objetivo o ser em si, o ser tal como existe. Muito embora a visão do homem em Hartmann e Scheler tenha se desenvolvido em busca de uma compreensão mais humana e existencial, somente Frankl vai-se encontrar esta compreensão total do ser humano. A grandeza do sistema da Análise Existencial está justamente em constituir, tanto na filosofia quanto na ciência, não só a confluência de linhas que buscaram formar numa perspectiva histórica um esboço da pessoa, mas também em ter colaborado definitivamente para a formulação de uma imagem do homem, mais digna de si. Assim, espera que ao olhar esta imagem ele apreenda seu próprio ser através de sua humanidade.

A inserção de Frankl no cenário da psicologia social e da educação pode ser percebida, entre outros aspectos, através de suas reflexões sobre o caráter missionário de cada ser humano, partindo do entendimento de que cada ser é uma unidade na multiplicidade e um ser que possui a necessidade de engajamento pessoal na sociedade da qual faz parte, é «o ser-no-mundo, a descoberta genial de Heidegger» (Dubois, 2004, 26) é o Dasein, o homem, o ser-aí, imerso em sua existência.

A modalidade do ser existencial centraliza-se na própria experiência de si mesmo, como pessoa livre e responsável que transcende o próprio isolamento para se expandir, para oferecer e, sobretudo, para oferecer a si mesmo. Só o *Ser-assim* do homem, apesar de seus instintos é uma pessoa espiritual, é portador do *espírito*, «só o homem, enquanto é pessoa, consegue -como ser vivo- alçar-se acima de si e, a partir de um centro que está, por assim dizer, para lá do mundo espaço-temporal, fazer de tudo, inclusive de si próprio, um objecto do seu conhecimento» (Scheler, 2008, 58). O homem, como ser espiritual, é o ser superior a si mesmo como ser vivo e ao mundo:

A determinação fundamental de um ser «espiritual», seja qual for a sua constituição psicofísica, é o seu desprendimento existencial do orgânico, a sua liberdade, a possibilidade que ele – ou o centro da sua existência – tem de se separar do fascínio, da pressão, da dependência do orgânico, da «vida» e de tudo o que pertence à «vida» – por conseguinte, também da sua própria «inteligência» pulsional». O ser espiritual não se encontra sujeito ao impulso e ao meio, ele se encontra «aberto ao mundo» (Scheler, 2008, 49).

Ricardo Peter (1999, 24-25) relata que no contexto da Análise Existencial reconhece-se uma transcendência em dois níveis. Inicialmente, a transcendência considerada como abertura, transcendência «horizontal», onde vemos o mundo e o homem com um conceito de transcendência fundamentalmente imanente. E também a «vertical», a transcendência que se dá no nível superior e só é completa até se tornar abertura radical e total rumo ao significado último e abso-

luto. Quando Viktor Frankl fala que a existência humana só é autêntica se for vivida em termos de autotranscendência, ele está se referindo à transcendência completa e ao mesmo tempo afirmando que a autotranscendência é a essência da existência:

A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo a ser alcançado ou à existência de outra pessoa que ele encontre. Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa, ou no amor a uma outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio (Frankl, 1991a, 18).

Então, falar de existência humana, na dimensão espiritual na visão frankliana é falar, sobretudo do «ser-responsável» e do ser humano consciente de sua responsabilidade, de sua missão, onde «a pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma ela poderia aparecer na sua reflexão» (Frankl, 2010, 26). Ser responsável e ser consciente se dão simultaneamente nesta realidade de execução de sua tarefa. A Análise Existencial de Frankl e sua visão de homem estão em oferecer uma antropologia, uma contribuição intelectual que pode promover a reumanização da educação.

O aprendizado e o ensino devem fazer emergir as construções dos saberes que refletem as categorias conceituais e práticas do educando e educador, constituídas no e por meio do seu trabalho no cotidiano. O aprendizado pode ser definido como a aquisição do conhecimento, atitude ou competências. O ensino definido como ajudar outra pessoa a aprender. Essas definições indicam que o processo ensino-aprendizagem é do tipo ativo, exigindo o envolvimento do educador e do educando no esforço para alcançar o resultado desejado, uma alteração do comportamento.

O professor não dá o conhecimento ao aluno, mas, em vez disso, serve como um facilitador do aprendizado. O professor verdadeiramente comprometido com o seu papel e que procura aliar seu conhecimento teórico à prática profissional atualizada, certamente participará da formação de profissionais competentes, cidadãos atuantes e responsáveis «o professor deve ser um orientador/mediador intelectual que informa, ajuda a escolher as informações mais importantes» (Moran, 2000, 30).

Os saberes promovidos pela educação precisam ter sentido para o educando, devem ser apreciados pela consciência dos envolvidos no processo educativo segundo seus valores, precisam ser contextualizados. Pois os saberes promovidos com sentido fazem com que as medidas educativas sejam consideradas tarefa

estimulante, conjunta do educador e do educando. Na dissertação de mestrado de Faria (2006), ela coloca que a escola atende à sociedade e à família, ela precisa repensar o seu papel social para contribuir de forma mais efetiva à demanda atual.

A principal meta da educação segundo Piaget, «é criar homens capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram – homens criativos, inventivos e descobridores» (Piaget, 1973, 96) a educação deve ter por finalidade possibilitar o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos em condição de aprendizagem como componente de autorealização e, não simplesmente transmitir conhecimentos de uma pessoa para outra.

Um dos ensinamentos básicos de Frankl na Análise Existencial é a responsabilidade assumida diante da decisão do que podemos ou não podemos fazer, para isso a pessoa humana precisa trabalhar o conhecimento de si mesmo, a maneira correta de viver a vida e a forma de ser útil com seu semelhante.

Por conseguinte, a missão que um homem tem que cumprir na vida, sempre na base da vida está presente, nunca, em princípio, sendo impossível de cumprir. Nestes termos, o que em geral interessa à análise existencial é fazer com que o homem experimente vivencialmente a responsabilidade pelo cumprimento da sua missão; quanto mais o homem apreender o caráter de missão que a vida tem, tanto mais lhe parecerá carregada de sentido a sua vida (Frankl, 2003, 94).

O desenvolvimento humano é importante dentro das inquietações atuais da educação. Muitas vezes as pessoas tem acesso à educação formal, adquirindo formação intelectual, mas a educação intelectual em si mesma não tem responsabilizado um comprometimento com as perguntas grandiosas e éticas do processo civilizatório sobre a vida com sentido. Com isso torna-se necessário uma busca da educação, em relação aos aspectos filosóficos e pedagógicos, para promover uma interferência concreta no desenvolvimento, na formação humana.

«Não é possível fazer uma reflexão sobre educação sem refletir sobre o próprio homem» (Freire, 1979, 27), por isso, é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico do homem. Este trabalho leva em conta, o conceito de homem frankliano, que responde aos anseios de profundidade que a contemporaneidade necessita. Um conceito que inclui, além da dimensão biológica e psicológica, a realidade social e a dimensão que aspira ao sentido da vida, a dimensão espiritual.

Frankl apresenta um modo dimensional de conceber o homem, propondo o conceito geométrico de dimensões, considerando ter salvaguardado a unidade antropológica sem minimizar as diferenças ontológicas. Nessa perspectiva enuncia duas leis para sua ontologia dimensional:

A primeira lei é assim formulada: um só e idêntico fenômeno, projetado para fora de suas dimensões em dimensões inferiores às suas, dá origem a figuras diversas em nítido contraste

entre elas. A segunda lei da ontologia dimensional afirma: (não apenas um só e idêntico fenômeno, mas sim) diversos fenômenos, projetados para fora de suas dimensões, não para dimensões diversas, mas para uma mesma dimensão inferior à própria, dão origem a figuras que não estão em contrastes entre elas, mas parecem ambíguas. (Frankl, 1990, 52).

Quem é este ser humano em desenvolvimento que educa-se? É o ser que sempre decide o que ele é. «É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios» (Frankl, 2011, 112). É aquele que por decisão aprende a ser: ecológico, relacional, espiritual, dialógico, intuitivo, emocional, perceptivo, imaginativo, com um destino comum e, até, racional. «Essa capacidade humana de dar respostas pessoais e criativas diante das questões que a vida dispõe é a pedra de toque do pensamento frankliano» (Miguez, 2011, 102).

Os seres humanos, notadamente nos dias de hoje não pode ser reduzido à busca de prazer, tal como ocorria nos tempos de Freud, tampouco pela vontade de poder de Adler, fato hoje largamente estudado pelo campo da psicologia individual, cognitiva e de base behaviorista. Frankl está longe disso, apostando que a neurose coletiva e as patologias de toda ordem estão relacionadas à falta de sentido e, por ressonância, ao vazio existencial aberto por ela:

O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial (Frankl, 1991, 155).

A busca de sentido se concretiza através da realização de valores, da relação interpessoal com seu semelhante. A pessoa humana é um ser de relações, ela está no mundo e com o mundo. Suas relações se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo. Isto leva uma reflexão dela sobre a realidade e ao compreender a realidade, verifica seus desafios e problemas, vai procurar soluções.

Martin Buber em seu livro: *EU e Tu* (2004) fala da relação interpessoal, relação pessoa-pessoa é imediata e independente. O «eu» e o «tu» não estão submetidos um ao outro, mas existe uma relação de reciprocidade, na qual o «eu» vai se tornando «eu» no encontro com o «tu» e vice-versa. A dignidade do ser humano é constituída pelo encontro pessoa-pessoa, não pela pessoa independente.

Para que o desenvolvimento humano ocorra de maneira assertiva o amor é um dos principais recursos, um ingrediente fundamental da vida humana para dar sentido à vida, (Frankl, 2010, 33) «na verdade, somente o amor, e somente ele, é capaz de ver a pessoa na sua singularidade, como o indivíduo absoluto que é. Neste sentido, o amor possui importante função cognitiva».

Considerando o estudo da educação neste trabalho, constata-se que a educação corre o risco de converter-se em uma soma de atividades e de aprendizagem desconexas e incompletas, que em vez de integrar a pessoa humana, a desagregam-na, obscurecendo o sentido da vida e debilitando a capacidade de ordenamento da própria vida no meio de inúmeras solicitações.

É preciso que se entenda que a educação vai desde a aquisição de conhecimentos até a capacidade de relacionar, valorizar e ordenar. Ou então, a formação será muito rica em conteúdos, muito ampla, mas dificilmente poderá ser chamada de formação intelectual, porque não se coloca o desenvolvimento da capacidade de estabelecer relações entre uns e outros conhecimentos a fim de poder chegar a um conjunto organizado de saberes que entre si constituem unidade.

A proposta de educação não só como conhecimentos, mas também como promotora do desenvolvimento humano, tendo em vista a Análise Existencial de Viktor Frankl, afirma que o desenvolvimento humano é concebido, na perspectiva, de que o ser humano é bio-psico-espiritual, um ser único, irrepetível, responsável e capaz de se posicionar diante dos condicionamentos, como uma tarefa ou um dever, no qual cada um é confrontado com uma ação específica no mundo, a sua missão, escolhida livremente, pela qual ele se torna único e insubstituível. E que também é constituído de liberdade, capaz de se autodeterminar em qualquer situação e que a existência humana só é autêntica se for vivida em termos de autotranscendência, considerando aí que a autotranscendência é a essência da existência, da transcendência completa.

No contexto educativo da Análise Existencial, pode-se propor para a educação a valorização da aprendizagem repleta de sentido, de valores éticos, morais, criativos, objetivando uma identidade escolar integrada que leve o educando e o educador a guarnecerem-se com os meios necessários para encontrar sentido em suas relações e vivências.

Assim, emerge uma educação que seja como um motor para o desenvolvimento humano, que estimulem e apoiem primeiramente o desenvolvimento pessoal. Deste modo, a educação passa a ser considerada, não apenas um meio para a socialização, instrução, democratização do ensino, formação de recursos humanos, educação para a competitividade, mas sim um processo sustentado de valorização humana ao longo da vida, centrado na pessoa, no sentido de lhe possibilitar a sua afirmação pessoal em todas as dimensões, e o exercício de uma cidadania ativa, buscando sempre realizar valores.

Referências

- Bruzzzone, D. (2001). *Autotrascendenza e formazione. Esperienza esistenziale, prospettive pedagogiche e sollecitazioni educative nel pensiero di Viktor E. Frankl*. Milano: Vita e pensiero.
- Buber, M. (2004). *EU e Tu*. 9ª Ed. São Paulo: Centauro.
- Cabaco, A. S., Risco, A. y Salvino, E. (2008). Desarrollo de competencias actitudinales en la educación superior: búsqueda de sentido vital y felicidad. *Naturaleza y gracia*, vol. LV(3), pp. 697-721.
- Dubois, C. (2004). *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Faria, E. S. H. (2006). *As contribuições do pensamento de Viktor Frankl para a educação*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Universidade do Oeste Paulista.
- Fizzotti, E. (1977). *De Freud a Frankl: interrogantes sobre el vacío existencial*. Pamplona: Universidade de Navarra.
- Frankl, V. (1981). *A Questão do Sentido em Psicoterapia*. 1ª Ed. Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papirus.
- Frankl, V. (1989). *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (1990). *Logoterapia y Analisis Existencial*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (1991). *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus.
- Frankl, V. (1991a). *Psicoterapia para todos*. (2ª Ed). Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (2010). *A presença ignorada de Deus*. (12ª Ed). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (2011). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. (30ª Ed). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (2011a). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Freire, P. (1969). Papel da educação na humanização. *Revista Paz e Terra*. Ano IV. Nº 9.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Giles, T. R. (1984). *O que é filosofar?* São Paulo: EPU.
- Jung, C. G. (1986). *Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes.

- Libânio, J. C. (2000). *Organização e Gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora do Autor.
- Lukas, E. (2005). *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*. Campinas: Verus.
- Miguez, E. M. (2011). *Pessoa, Logos e Educação na perspectiva antropológica de Viktor Frankl*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Morais, R. (1986). *O que é ensinar*. São Paulo: EPU.
- Moran, J. M. (2000). *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. Campinas: Papirus.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez. Brasília. UNESCO.
- Peter, R. (1999). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. São Paulo: Paulus.
- Piaget, J. (1973). *Estudos Sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense.
- Pourtois, J.; Desmet, H. (1999). *Educação pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Reinhold, H. H. (2004). *O sentido da vida: Prevenção de stress e burnout do professor*. Tese de doutorado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica.
- Salvino, E. (2009). *Evidencias teóricas y empíricas entre la psicología positiva de Seligman y la psicología humanista-existencial de Frankl*. Tese Doutoral não publicada. Universidad Pontificia de Salamanca-España.
- Salvino, E. (2009a). Aspectos Actitudinales en el EEES-Espacio Europeo de Educación Superior. Salamanca: *Foro de Educación*, 11, pp. 195-207.
- Scheler, M. (2008). *A situação do homem no Cosmos*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Souza, E. A.; Salvino, E. (2012). A visão de homem em Frankl. *Logos & Existencia: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*. V. 1, nº 1.
- Xausa, I. A. M. (2011). *A psicologia do sentido da vida*. Campinas: Vide Editorial.